



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

ENSINO DE GEOGRAFIA: PRÁTICAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS DO PIBID NO ENSINO MÉDIO

GEOGRAPHY EDUCATION: PRACTICES, KNOWLEDGE AND EXPERIENCES PIBID
MIDDLE SCHOOL

Larissa Anjos Santos¹

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins²

RESUMO: Esse artigo apresenta o relato das experiências vivenciadas no desenvolvimento das Oficinas Pedagógicas realizadas no primeiro semestre de 2015 numa turma de alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio na Escola de Educação Básica Simão José Hess localizada no bairro Trindade na cidade de Florianópolis, resultado de atividades de ensino e pesquisa como bolsista do PIBID Geografia da FAED/UDESC. O referido projeto teve como meta principal estudar, desenvolver e aplicar atividades e oficinas para o desenvolvimento de conteúdos e conceitos do ensino de Geografia. Ao final dos trabalhos percebemos que, de um modo geral, a receptividade dos alunos/as com relação a nossa proposta de abordagem de ensino dos conteúdos da Geografia foi bastante positiva e importante para a aprendizagem desta área do conhecimento. Também é preciso destacar a importância desta experiência como bolsista PIBID Geografia para minha iniciação a docência.

Palavras-chaves: ensino de Geografia – PIBID – Ensino Médio

ABSTRACT: This article presents the story of the experiences lived in the development of Pedagogical Workshops held in the first half of 2015 a group of students / as the first year of high school at the School of Basic Education Simao Jose Hess located in the Trinidad neighborhood in the city of Florianópolis, the result of teaching and research activities as a Fellow of PIBID Geography FAED/UDESC. This project had as its main goal to study, develop and implement activities and workshops for the development of content and concepts of teaching Geography. After the work, we realize that, in general, the responsiveness of the students / as regarding our proposal for the content of geography teaching approach was very positive and important for learning this field of knowledge. It is also worth noting the importance of this experience a scholarship for my initiation PIBID Geography teaching.

Keywords: Teaching Geography - PIBID - High School

¹ Graduanda do curso de Geografia Licenciatura da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista PIBID da FAED-UDESC. lariianjos@gmail.com

² Doutora em Geografia; Professora do Departamento de Geografia da FAED/UDESC, Coordenadora PIBID Geografia da FAED/UDESC; Professora do curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSC; Professora do curso de Pós-Graduação em Educação da FAED/UDESC – rosamilitzgeo@gmail.com



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

INTRODUÇÃO:

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, PIBID, tem como objetivos incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionar oportunidades de criação e participação de práticas docentes com caráter inovador e interdisciplinar e contribuir para a articulação entre teoria e prática na sala de aula. Foi lançado por meio de edital, ao final do ano de 2007, abrangendo, inicialmente, somente as universidades públicas, federais, estaduais e municipais. Os projetos foram primeiro elaborados e analisados em 2008, e implantados efetivamente apenas no ano de 2009. A Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC ingressou no programa apenas no Edital CAPES 01/2011 com 10 cursos de licenciatura.

Atualmente, conforme Edital 61/2013, temos um conjunto de 12 licenciaturas participantes. O grupo do PIBID Geografia da UDESC é composto por 12 bolsistas, divididos em dois grupos de trabalho, tendo duas professoras orientadoras³, e desenvolvem suas atividades em diferentes turmas na Escola de Educação Básica Simão José Hess, localizada na zona urbana de Florianópolis/SC. O grupo que faço parte possui seis bolsistas, que são orientados pela Professora Dra Rosa Elisabete M. W. Martins, tendo como supervisora na escola, a professora Edna Graziela Carneiro.

Comecei minhas atividades no PIBID no primeiro semestre de 2015. Dentre algumas turmas disponibilizadas, optei por iniciar minhas atividades com uma turma do primeiro ano do ensino médio, e, neste artigo, irei relatar as experiências desenvolvidas até o momento. No início, tive receio de começar minhas atividades de bolsistas PIBID com esta faixa etária, pois os alunos poderiam não me ver como professora, devido a minha pouca, ou melhor, nenhuma experiência em sala de aula. Contudo, fui muito bem recebida, tanto pelos alunos como pelo professor de geografia da turma⁴, e, com o tempo, as relações entre professora e alunos/as foram sendo criadas, onde comecei a ganhar confiança e respeito dos mesmos.

Nesse sentido, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente terá um breve exposto acerca dos desafios de ensinar geografia no ensino médio. Num segundo momento relatarei as atividades

³ As professoras supervisoras PIBID Geografia na FAED/UDESC são: Professora Dra Rosa Elisabete M. W. Martins e a Professora Dra Ana Maria H. Preve.

⁴ O professor de Geografia titular desta turma é o professor Bruno Jakson Severino.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

realizadas como bolsista PIBID Geografia numa turma de primeiro ano de ensino médio, desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2015.

DESAFIOS DE ENSINAR GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

A discussão inicial que se deve tomar é a de qual a finalidade e a identidade do ensino médio. A Lei de Diretrizes e Bases da educação 9.394/96 estabelece princípios que orientam a organização curricular e procura garantir aos jovens que participem do processo de produção social. Neste contexto, se compreende o Ensino Médio como a finalidade de preparar para vida, de ajudar na construção do conhecimento, no preparo para a vida em sociedade. Isso pressupõe um currículo que promova a formação cidadã, e que o aluno adquira habilidades e competências capazes de atuar na sociedade de forma crítica. Assim, é preciso que os conteúdos e conceitos trabalhados em sala de aula tenham relação com a vida dos alunos/as e promovam a capacidade de pensar, de refletir, de compreender e agir sobre as determinações da vida social.

Uma das maiores dificuldades encontradas no ensino médio, no âmbito do ensino da Geografia, é a visão de que essa disciplina não tem tanta importância e que se trata somente de uma descrição de fatores naturais e sociais. Castrogiovanni (2007, p. 42), afirma que “muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória pra reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc [...]”.

Assim, os alunos acabam não encontrando nenhuma relação e aplicação do conteúdo no seu dia a dia, gerando então um desinteresse que faz com que os mesmos busquem apenas a aprovação e não o conhecimento. Para que os alunos se interessem pelos conteúdos geográficos, primeiramente, é necessário estabelecer relações entre o assunto abordado e o cotidiano do aluno fora do espaço escolar. Há inúmeras maneiras de se fazer essa conexão e algumas delas são de extrema importância. Cavalcanti afirma que:

[...] as razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico enquanto tal. Ou seja, parece-me que “resolvidos” esses dois pontos é possível tornar o conteúdo geográfico trabalhado na escola mais significativa para o aluno. (2003, p. 130).



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

A não centralização do planejamento nos conteúdos nos livros didáticos e nos mapas que ali estão inseridos gera maior possibilidade de aprendizado, principalmente pelo fato de que só através da aproximação do conteúdo com a realidade é que os estudantes começarão a ter uma noção mais geográfica do mundo. Não estou afirmando que não se deve usar o livro didático ou que é pra aposentá-lo das salas de aula, mas sim que o mesmo pode utilizado como uma ferramenta de pesquisa e para auxílio dos alunos (pois sabemos que muitas vezes esse é o único recurso didático que a escola possui), mas não como um norteador da aula. A organização das aulas não pode estar focada somente nos conhecimentos e conteúdos dispostos no livro didático, mas é preciso agregar as vivências e experiências de todos na sala de aula para dar sentido ao que é trabalhado nas aulas de geografia em sala de aula. De acordo com Paulo Freire:

Como é que pode uma professora que se pensa democrática não dar ouvido à fala do diferente? Quer dizer, você discrimina o diferente só porque ele é diferente de você. Então, aprender a escutar o diferente, a cultura diferente, aprender a valorizar o diferente de nós é absolutamente fundamental para o exercício da autonomia. (1997, p. 32).

Entretanto, percebi no decorrer das aulas, que a participação dos alunos/as é mínima, por mais que se questione e estimule os mesmos a comentar e fazer perguntas sobre o assunto trabalhado em aula. Acredito que um dos motivos pelo qual há essa pouca participação se deve ao fato de que os alunos se sentem com receio de responder ou fazer alguma pergunta, pois os colegas podem rir e fazer brincadeiras com eles, caso falarem algo errado.

Para constatar o que foi relatado acima e aprimorar meus trabalhos foi feito um questionário com três questões, que os alunos/as responderam de forma anônima para não interferir na resposta. Foi perguntado: “O que você menos gosta na Geografia?” “O que você mais gosta na Geografia?” e “A aula da bolsista PIBID tem contribuído no andamento das aulas de Geografia neste bimestre?” É importante destacar que os questionamentos foram feitos nas últimas aulas do primeiro bimestre.

Ao responderem a primeira questão, foi possível perceber que as respostas foram as mais diferentes. Alguns colocaram questões não somente ligada a geografia, mas a todas as outras matérias como: “*eu não gosto de trabalhos, provas e pesquisas para fazer em casa*”. Outros já foram bem objetivos nas respostas, citando conteúdos da disciplina: “*Não gosto de estudar sobre mapas, linhas do tempo*”, “*Não gosto de estudar altitude, latitude e hidrografia*”. Em contra partida, tiveram alguns alunos que responderam que não



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

tinha nada que eles gostassem na disciplina de Geografia. As respostas revelam o pouco interesse pela disciplina de Geografia e pelas atividades que são desenvolvidas.

As respostas da segunda questão também seguiram a linha de diferentes respostas, onde uma parte dos alunos respondeu que gostava de tudo na geografia. Da mesma forma que a primeira questão, alguns alunos foram bem objetivos nos conteúdos que gostam, como: *“Gosto de estudar sobre o clima”; “Mapas”; “O que eu gosto mais é sobre o estudo dos países, fusos horários e etc”*. Outra parte da turma respondeu em relação às aulas em geral, tendo essas como algumas respostas: *“Nas aulas de geografia eu gosto dos trabalhos em grupo e etc...”*.

Analisando as respostas compreende-se que cada aluno tem sua concepção das áreas “boas e ruins” da geografia. Arrisco-me a dizer que a maioria dos alunos relaciona o gosto pela matéria com a relação que é estabelecida com o professor e com a metodologia que o mesmo utiliza para desenvolver as aulas. Com isso, fica evidente que o professor precisa trabalhar o máximo possível a disciplina de uma maneira que chame a atenção não somente dos alunos que apreciam essa área, mas principalmente dos alunos que não gostam da mesma. Outro ponto que é importante destacar sobre essas duas questões, é que os alunos assimilam as atividades avaliativas como um período chato da aula, onde irão realizar apenas provas e trabalhos, utilizando a matéria de forma memorativa e, na maioria das vezes, sem relacionar com o seu cotidiano, utilizando somente conteúdos do livro didático.

A terceira questão elaborada teve respostas muito similares, onde toda turma respondeu que a aula dada por mim tinha contribuído no bimestre em que se encontravam. Temos aqui algumas respostas obtidas: *“Sim, muito, a professora sabe entender os alunos, é querida, gente boa, sabe dar aula, curti bastante”*; *“Sim, porque ela trouxe aulas diferentes pra gente”*; *“Sim, contribuiu, pois conseguimos aprender muitas coisas com ela”*. É perceptível através das respostas que os alunos conseguem compreender melhor a matéria quando a mesma é transmitida não somente com auxílio de quadro e livro didático, mas sim com o uso de atividades e métodos que os mesmos irão se interessar.

OS DESAFIOS DO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Quando foi apresentado às turmas disponíveis para nós bolsistas, todas eram para ensino fundamental, com exceção de uma, que era de ensino médio. Logo me prontifiquei para desenvolver as *Revista Discente Expressões Geográficas* – www.geograficas.cfh.ufsc.br
Edição nº 10 (ano X). Florianópolis, Dezembro de 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

práticas como bolsistas PIBID Geografia, pois sempre acreditei ter perfil para trabalhar com turmas destes anos da educação básica. Um dos motivos desse interesse é o de que saí dessa fase escolar há pouco tempo e ainda tinha memórias como eram minhas aulas, tanto as interessantes como as tediosas, como que as mesmas se tornavam prazerosas, que metodologias de ensino os professores utilizavam para chamar a nossa atenção e quais práticas eram vivenciadas nas aulas. Assim, minha intenção foi de planejar atividades de ensino de geografia interessantes, como o objetivo de fazer com que a turma se envolvesse com as atividades propostas.

A turma que eu escolhi para desenvolver minhas atividades de bolsista PIBID geografia da FAED/UFSC foi a turma do primeiro ano 101, comporta de 33 alunos/as. Sendo 14 meninas e 19 meninos com uma faixa etária de 16 a 17 anos. As aulas eram realizadas no turno da manhã. São alunos/as com um perfil tranquilo. Parte dos alunos/as eram pouco participativos, ficando a maioria do tempo no celular ou calados, demonstrando pouca interação com o que era proposto em aula. Mas havia um grande grupo que se envolvia nas atividades propostas. Minha surpresa ao chegar no primeiro dia de atividades na escola, foi de que, diante de toda a minha empolgação, fui informada que essa turma, do primeiro ano do ensino médio, era composta somente por alunos/as repetentes. Levei um choque, e com ele, o medo e a insegurança, que já tomavam conta de mim. Assim, aumentaram mais ainda, pois o conceito pré-estabelecido de turmas repetentes ecoou na minha cabeça (alunos desinteressados, que não respeitam o professor, que faltam as aulas...), mas, mesmo assim, mantive minha vontade de trabalhar com a turma.

Nas primeiras aulas me dediquei a monitoria e observação das aulas do professor Bruno. Procurei auxiliar no planejamento das atividades e, quando era preciso, participava com algumas explicações rápidas sobre o conteúdo, procurando estimular os alunos/as participar das aulas e se engajarem no processo de ensino e aprendizagem.

Gauthier aponta dez meios pelos quais um professor pode estimular seus alunos de maneira positiva, visando ao desempenho satisfatório:

Adaptar a tarefa aos interesses dos alunos; incluir um pouco de variedade e de novidade; permitir que os alunos escolham ou tomem decisões de modo autônomo; fornecer aos alunos ocasiões para responder ativamente; fornecer retroação imediata às respostas dos alunos; permitir que os alunos criem um produto acabado; incluir um pouco de fantasia e elementos de estimulação; incorporar às aulas situações lúdicas; prever objetivos de alto

Revista *Discente Expressões Geográficas* – www.geograficas.cfh.ufsc.br

Edição nº 10 (ano X). Florianópolis, Dezembro de 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

nível e questões divergentes e fornecer aos alunos ocasiões para interagir com outros. (1998, p. 204).

Na quarta aula fiquei responsável por fazer um planejamento para trabalhar a temática dos movimentos terrestres, após o professor já ter trabalhado com o universo (sua formação, planetas, estrelas e afins). É importante ressaltar que o professor Bruno não utiliza o livro didático⁵ para desenvolver suas aulas, e sim uma apostila que o mesmo organizou para facilitar o seu planejamento. O conteúdo trabalhado nessa aula foi rotação, translação, movimento aparente do sol, estações do ano e eclipse. Para facilitar o entendimento dos alunos utilizei o globo terrestre da própria escola e uma lanterna, para simbolizar a luminosidade emitida pelo sol em relação a terra. Optei por fazer um questionário e não uma atividade prática nessa aula, pois o meu objetivo era principalmente descobrir se os alunos conseguiam entender o conteúdo através da minha explicação e não de uma atividade prática autoexplicativa, pois precisava saber se a didática utilizada e a forma com que o conteúdo foi exposto se tornaram claros, ou não, para os alunos.

A aula seguinte também foi planejada por mim, tendo como tema principal os fusos horários. Para organização da aula, tomei por base duas questões: Por que é importante aprender fusos horários? Qual a relação dos fusos horários com nossa vida? Para poder responder a essas duas questões comecei questionando os alunos se eles sabiam o que eram os fusos horários e pra que serviam? Como de costume houve poucas respostas e elas vieram em forma de sussurros. Para induzir uma maior participação da turma comecei a fazer questionamentos acerca de assuntos como viagens e bolsa de valores, para mostrá-los a relação que ambos os assuntos tem com os fusos horários. A partir daí, o conteúdo foi sendo compreendido (tanto de mim para eles como deles para mim) até chegar à parte dos cálculos de diferenças horárias.

O ato de aprender e ensinar devem estar alicerçados na curiosidade, na busca de algo novo que possa despertar o desejo de aprender, de saber, de conhecer o desconhecido para se apropriar do conhecimento. Para dar conta deste conjunto de elementos, as aulas de Geografia precisam ser planejadas com o objetivo

⁵ Apesar de o professor não utilizar diariamente o livro didático, a turma tem um livro didático que foi adotado pela escola para o ensino médio e que serve para pesquisas e auxiliar em atividades dadas em aula. O livro é "Sene. Eustáquio, e Moreira C. João. *Geografia Geral e do Brasil. Espaço geográfico e globalização*. 2ª edição. São Paulo: editora Scipione, 2014."



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

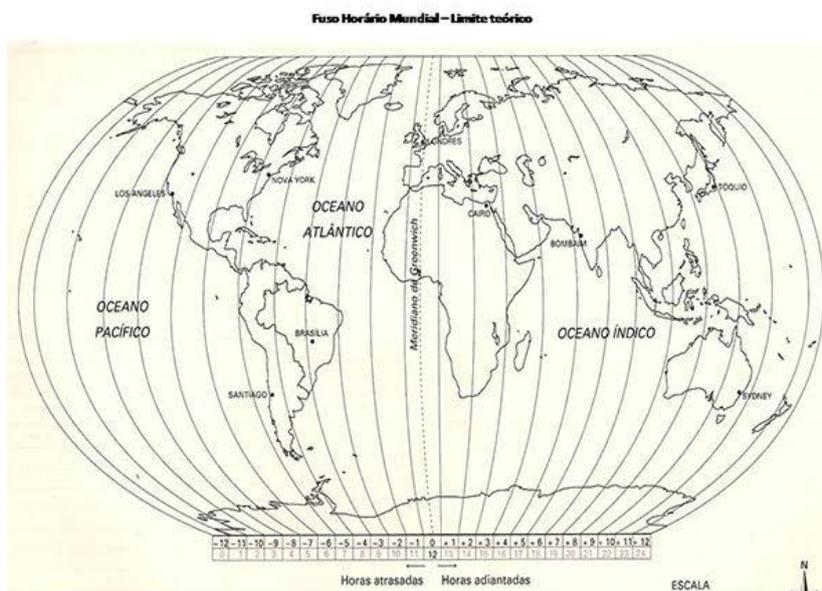
www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

de aproximar os alunos da realidade a partir das suas experiências e das suas vivências. Castrogiovanni diz que:

Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos. A maior vitória do professor é a vitória interna, aquela de alcançar a satisfação em ser professor no dia-a-dia. (2007, p. 46)

Para auxiliar na explicação levei um mapa mundi com as linhas dos fusos (Figura 1), o globo terrestre, a lanterna e uma paródia que explicava de maneira divertida o cálculo das horas.

Figura 01.



Fonte: extraída do Google.

A lanterna foi utilizada, juntamente com o globo terrestre, para exemplificar o porquê as horas são diferentes em cada lugar. O exemplo utilizado foi o Brasil e a Austrália, onde questionando os alunos sobre o movimento aparente do sol percebemos a diferença de iluminação entre os dois países e, por conseguinte, o porquê da diferença horária.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

PARÓDIA

<p>Para papapapapapapapa Se forem diferentes é pra somar Papara papara papara clack buum Se forem iguais eu subtraíu uuu Pra depois eu dividir por 15 E se somar multiplicar por 4 Daí vamos fazer o esquema da direção Se quero o da direita adianto meu irmão Agora se o ponto está a minha esquerda Atraso o meu relógio com toda a certeza Para papapapapapapapa Se forem diferentes é pra somar Papara papara papara clack buum Se forem iguais eu subtraíu uuu</p>	<p>No Brasil temos só 3 fusos Todos atrasados -2, -3 e -4 O primeiro fuso fica em Noronha O Segundo em Brasília e o terceiro no Acre Mas temos um que é o oficial Aquele que fica na capital federal Para papapapapapapapa Se forem diferentes é pra somar Papara papara papara clack buum Se forem iguais eu subtraíu uuu</p>
---	---

A paródia foi entregue para cada aluno, onde eles poderiam acompanhar a letra e consequentemente estudar a partir dela. Na execução da mesma houve certa timidez por parte dos estudantes, que relutaram um pouco para participar, mas através de conversas descontraídas consegui fazer com que eles me acompanhassem. Após esse momento, resolvemos alguns cálculos de diferença horária para saber se os mesmos haviam compreendido o que foi explicado. Durante os exercícios (que foram feitos coletivamente) os alunos cantavam trechos da paródia para conferir se precisavam somar ou subtrair os valores e muitas vezes utilizavam a folha que lhes foi entregue para ajudar nos cálculos.

Na aula seguinte, foi feito com ajuda de outra bolsista do PIBID geografia, uma oficina chamada “Viajando nos Fusos”, que consiste em os alunos falarem um lugar no qual eles gostariam de viajar, localizar esse lugar no globo terrestre (caso não soubesse a localidade) e depois, com o auxílio do mapa com os graus



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

fazer o cálculo da diferença de horário entre o Brasil (local que eles supostamente estariam partindo) e a o lugar escolhido⁶. Feito isso, com um mapa mundo ampliado, os alunos pintaram o lugar escolhido para viajar de acordo com a diferença horária, ou seja, entre 0 e 2 horas de diferença pintariam de verde, de 2 a 4h de diferença pintariam de amarelo e assim por diante. Entretanto, como a escola estava em estado de greve foram somente 12 alunos à aula, com isso a pintura ficou livre.

Na tabela abaixo encontram-se os dados obtidos com a oficina:

Tabela 1.

Local escolhido	Grau e Hemisfério	Diferença Horária
Nova York	90° - Oeste	2 horas
Canadá	120° - Oeste	4 horas
Alemanha	15° - Leste	5 horas
Flórida	75° - Oeste	1 hora
África do Sul	30° - Leste	4 horas
Austrália	165° - Leste	15 horas
Venezuela	75° - Oeste	1 hora
Paris	0°	4 horas
Londres	0°	4 horas
Espanha	15° - Leste	3 horas
Coréia do Sul	120° - Leste	26 horas

Fonte: organização da autora

No início da aula os alunos/as participaram ativamente, escolhendo os países, executando os cálculos, mas na hora de pintar, acredito que porque o mapa estava no chão, eles foram um pouco relutantes, falavam que estavam com preguiça de sair das carteiras, mas mesmo assim realizaram a pintura (figura 02). Depois de concluída todas as etapas anteriores, fizemos a legenda e por ultimo colamos o mapa na parede da sala (figuras 03 e 04).

⁶ Quando o local escolhido for cortado por dois fusos ou mais (países geralmente), escolhe-se aquele que fica mais próximo do local exato onde o aluno gostaria de viajar.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Figura 02.



Fonte: arquivos da autora – abril de 2015.

Figura 03



Fonte: arquivos da autora – abril de 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

CARTOGRAFANDO NO ENSINO MÉDIO

Dando continuidade as atividades desenvolvidas na turma, iniciamos um projeto com a temática da cartografia, que abordamos os fusos horários. Como de costume, o professor iria trabalhar através da apostila, dando histórico, tipos de mapas, conceito de escalas e afins. Mas como, coincidentemente, eu estava tendo este tema em uma disciplina na universidade, chamada praticas curriculares em geografia, que tem como objetivo auxiliar os licenciandos no ensino da cartografia e trazer novos meios de ensiná-la, me prontifiquei para desenvolver um projeto com este tema.

A ideia principal para a atividade era mapear uma área que não se encontra no Google maps, como por exemplo, alguma comunidade próxima à escola. Entretanto, era necessário pedir a autorização de órgãos públicos e a atividade levaria muito tempo para ser efetuada, e como já estávamos no mês de junho, próximo às férias, não teríamos tempo suficiente para sua realização. Assim, para poder aplicar o que era desejado foi pensado em mapear a rua da escola, nesse caso, a Avenida Madre Benvenuta, que vai da escola até a FAED/UDESC. Inicialmente, a atividade foi dividida nas seguintes etapas: No primeiro momento, foi feita uma introdução ao conteúdo cartográfico e a rua a ser estudada. No segundo momento, os alunos/as fizeram o mapeamento do trajeto da escola até sua casa. Dando sequência as atividades, realizamos a saída de campo na rua mapeada. Para fechar o projeto, foi feito a confecção dos mapas da saída de campo.

De início minha intenção foi apresentar a cartografia de uma maneira mais dinâmica, não focando somente nas regras cartográficas que se encontra nos livros didáticos, mas sim utilizando o conceito de que qualquer mapa possui uma informação, mesmo ele sendo oficial ou não. Assim, seria possível aproximar mais os alunos da Geografia, pois os mesmos deixariam de ver a cartografia como algo muito complexo de se trabalhar. É importante destacar que em todas as aulas era avisado que os mapas que os alunos iriam trabalhar e os mapas não convencionais que eram levados como exemplos não eram oficiais e, portanto para a comunidade cartográfica eles não tinha significado oficial. Assim, mesmo trabalhando com mapas marginais⁷, por assim dizer, era possível retratar todos os elementos e conteúdos que abrangem esta área do ensino de Geografia. Dentro dessa visão cartográfica, na primeira aula levei alguns mapas para que os alunos pudessem observar e problematizar detalhes que envolviam este recurso pedagógico. Após mostrar

⁷ Mapas não considerados dentro das normas cartográficas oficiais.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

cada mapa, fazia a mesma pergunta: “Isso é um mapa para vocês?”. Os mapas mostrados apresentavam elementos de mapas primitivos, mapas físicos, mapas políticos e mapas não convencionais, como um mapa de cabeça para baixo (figura 04) e outro mapa com os lugares mais fotografados pelo planeta⁸ (figura 05). Com esses e outros mapas expliquei os conceitos cartográficos, como legenda, título e escala.

Figura 04



Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2013/11/veja-uma-lista-de-25-mapas-que-nao-nos-ensinam-na-escola>.

Quando o mapa da figura 04 foi apresentado aos alunos/as juntamente com a pergunta que seguia após a exposição de qualquer mapa, (Isso é um mapa para vocês?) a resposta foi unânime, todos os alunos responderam que sim, era um mapa, contudo, ele estava “errado”, pois se encontrava de cabeça para baixo. Um aluno, quando fiz a pergunta logo me respondeu “Nossa professora, é óbvio que esse mapa é errado, ela ta de cabeça pra baixo, olha ali”. Após sua resposta eu indaguei onde seria o “em cima” no universo, ou se havia no universo algo que delimitasse isso. Ele me olhou com cara de espanto e disse “Verdade né professora, que louco”.

⁸ No site que foi retirado o mesmo, estava destacado que os pontos em amarelo eram os lugares mais fotografados do mundo.

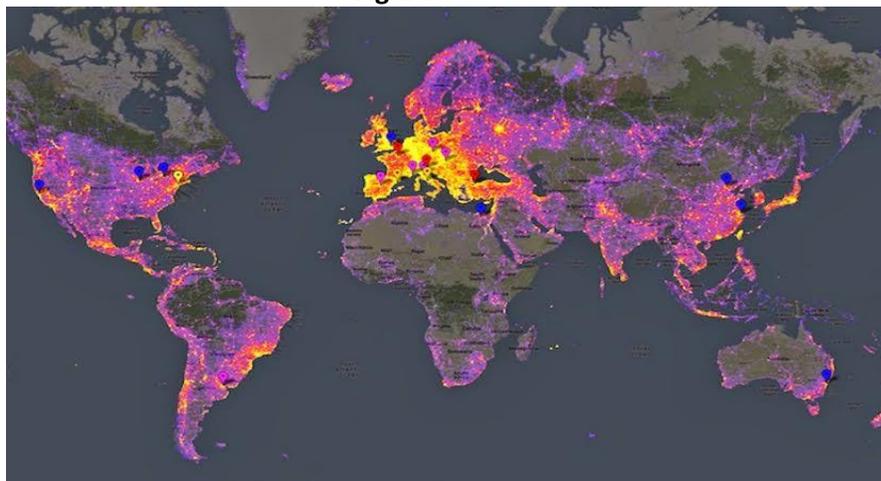


EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Figura 5



Fonte: <http://www.macacovelho.com.br/mapas-incriveis-que-voce-nunca-viu-antes>.

Com o mapa da figura 05 consegui trabalhar com os alunos a importância do título, da legenda e das cores no mapa. Perguntei a eles o que esse mapa queria dizer, qual o seu sentido, e nenhum dos alunos se prontificou a responder. Assim, comecei a trabalhar a importância dos três aspectos citados acima. Uma explicação foi seguida da outra, onde o questionamento sobre o título se aprofundou no questionamento das cores e conseqüentemente na legenda. Quando perguntei o que as cores queriam significar uma aluna respondeu em um tom meio inseguro: “onde ta mais amarelo é onde tem mais fotos não é?”, respondi a ela que pode ser que sim ou que não, pois este mapa não apresenta legenda, o que dificulta a leitura das informações sobre ele. A partir daí começou uma discussão sobre a importância da legenda e como alguns tipos de pintura (principalmente a degrade) induzem o pensamento sobre o que um mapa apresenta de informações.

Quando foi trabalhado o conceito de escala, além de explicar sua utilidade e divisão (gráfica e numérica), exemplifiquei com o auxílio de um barbante⁹ como se obtém a mesma, pois esse conceito para os alunos, mesmo com a explicação, é muito abstrato. Com o barbante, medi uma parte da parede da sala de aula. Após obter essa medida, dobrei o mesmo ao meio sucessivamente até caber em uma folha de papel

⁹ Proposta inspirada no livro “DOIN, Rosângela. *Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola*. 5ª edição. São Paulo: editora Contexto, 2013”



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

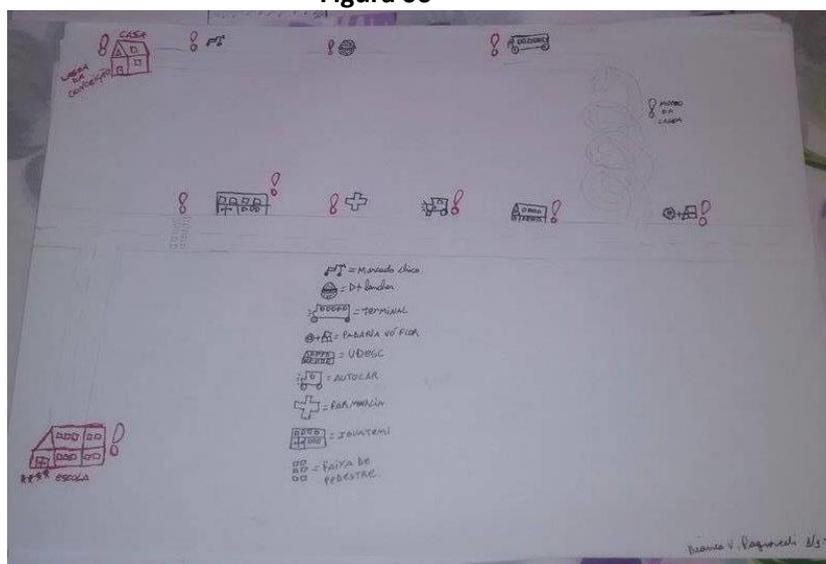
www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

A4. Assim ao contar em quantas vezes o fio foi dobrado, obtive o equivalente ao número de vezes que o comprimento da parede foi reduzido, no caso 5 vezes.

Na aula seguinte, após toda a introdução sobre cartografia, foi pedido para que os alunos fizessem um mapa mental da casa deles até a escola, com tudo que tivesse no trajeto (construções, sons, cheiros, dentre outros) (figuras 06 e 07). Logo surgiram algumas indagações como “*professora, eu moro muito longe, como vou fazer pra colocar tudo isso no papel?*”; “*Como que eu faço pra colocar um som no mapa?*”, entre outras. Assim, respondendo a alguns questionamentos, os alunos/as foram fixando alguns conceitos que na aula anterior foram explicados. Entretanto, mesmo podendo retratar o que desejassem no trajeto, a maioria da sala representou somente as construções que observam durante o percurso.

Muitos alunos esqueceram de colocar a legenda, então quando me aproximava para observar como estava ficando o mapa, apontava para um desenho e perguntava o que ele queria dizer, logo os alunos respondiam, a partir daí, através de questionamentos (por exemplo “*Como uma pessoa que nunca viu o seu mapa vai saber que isso é uma árvore?*”) eles percebiam a importância da legenda. Quando os mesmos a inseriam no mapa, não o faziam da maneira normativa na qual costumamos ver, alguns apenas escreviam do lado ou no desenho, outros colocavam setas, e poucos fizeram da maneira oficial.

Figura 06



Fonte: arquivos da autora – junho 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Figura 07



Fonte: arquivos da autora – junho 2015.

Após esses dois momentos, na aula seguinte, fomos à campo. Os alunos foram divididos em três grupos, cada um observou um aspecto particular da avenida onde passamos. O primeiro grupo, orientado por mim, era composto por aproximadamente cinco alunos, que ficaram responsáveis por observar os aspectos naturais que existem na avenida. O segundo grupo, orientado por outra bolsista do PIBID, Natália Benatti, era composto por volta de seis alunos, que observaram as construções que estão situadas na avenida. Por fim, o último grupo, orientado pelo professor de geografia, era constituído por aproximadamente dez alunos, que ficaram responsáveis por analisar os movimentos urbanos da mesma. Os alunos/as fizeram croquis, anotações, entrevistas, recolheram amostras e tudo o que fosse preciso para a confecção dos mapas.

O objetivo da saída de campo foi o de estimular os alunos/as a visualizar o que iriam cartografar, pois estas informações seriam importantes para cada um fazer o seu mapa quando retornassem para a sala de aula. Os alunos precisam observar para poder mapear, e mapear o que para eles era importante e relevante. O primeiro grupo, orientado por mim, fez algumas anotações, croquis, tiraram fotos e realizaram algumas entrevistas ao longo do trajeto. A maioria dos entrevistados, quando feita a pergunta “Você acha que tem elementos naturais nesta avenida?”, responderam que sim, e concluíam explicando o porquê da resposta.

**EXPRESSÕES****GEOGRÁFICAS****REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC****www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES**

Por vezes questionavam sobre a retirada da vegetação nativa para a inserção de construções, sendo que as mesmas possuem algum tipo de flora como paisagismo. Quando faziam essa colocação, muitos dos entrevistados refletiam mais no assunto e por vezes mudavam a resposta da questão anterior.

Os demais grupos também fizeram anotações, fotos, croquis e segundo os acompanhantes de cada equipe, todos participaram ativamente no percurso.

Na aula seguinte à saída de campo os mapas começaram a ser confeccionados. Para isso foram disponibilizados alguns materiais, como papel pardo, lápis de cor, revistas, canetinhas, EVA, lantejoulas e outros tipos de materiais alternativos.

Foi a partir da visão dos alunos/as sobre a avenida Madre Benvenuta, visitada na saída de campo, que os mapas foram confeccionados (figuras 08 a 10). Inicialmente os temas que foram propostos na saída de campo serviriam de base para sua confecção, contudo, grande parte dos alunos/as representaram o que mais chamou a atenção, não se prendendo a temática inicial. Optei por não corrigi-los, pois o objetivo da atividade era que eles mapeassem o que lhes era importante, o tema servia apenas para norteá-los. Assim, como dito anteriormente, os alunos/as conseguiram mapear o que para eles chamou mais atenção e foi mais significativo e não o que eu queria que eles representassem. Cada mapa emitia a personalidade do grupo, uns mais criativos, outros mais desenhados, outros com mais recortes, cada um da sua maneira, mas todos cumprindo seu papel, que era o de mostrar através do desenho o que os alunos/as observaram.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Figura 08



Fonte: Arquivos da autora - Junho 2015.

Figura 09



Fonte: Arquivos da autora - Junho 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Figura 10



Fonte: Arquivos da autora - Junho 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que no ensino médio, diferentemente do fundamental, os alunos pouco interagem em sala de aula, são individualistas e apáticos com os colegas e com o professor. Este fato dificulta o andamento das atividades propostas em sala, sendo, às vezes, bem difícil levar algo diferente que chame atenção, o que, muitas vezes, ocasiona no desestímulo do professor e conseqüentemente dos alunos, fazendo com que as aulas se tornem monótonas e tediosas, como eles mesmo falam. Contudo, é fundamental procurar trabalhar com metodologias que estimulem os alunos a participar das aulas e se interessar pelo ensino de Geografia.

A partir destas propostas de ensino e pesquisa realizadas no Ensino Médio como propostas do PIBID Geografia da FAED/UDESC, é possível concluir que as atividades práticas no ensino de Geografia favorecem o aprendizado dos alunos e permitem que eles possam ser protagonistas do ensino de Geografia, interagindo com as experiências e observando os fenômenos que acontecem no seu cotidiano. O PIBID auxilia muito nesse processo, pois favorece que os bolsistas possam experimentar a sala de aula, facilitando o caminho de amadurecimento como docente, que irão atuar em sala de aula na educação básica. Ao adotarmos práticas pedagógicas que integrem com os alunos e despertam para a importância da educação e do ensino, ainda que a tarefa não seja nada fácil, estamos formando pessoas capazes com as mínimas condições de analisar a sociedade que vivem.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Vale salientar que esse tipo de ação pedagógica proporciona o contato dos licenciandos, futuros professores com o espaço da sala de aula, que servirá de subsídio para seu fazer pedagógico e para que possa ter contato com o cotidiano da escola. Outro aspecto relevante recai sobre a oportunidade do exercício crítico e prático entorno dos materiais didáticos e a proposta pedagógica da escola e do ensino de Geografia que é desenvolvido na educação básica, identificando limitações e possibilidades, preparando-se para assumir efetivamente, quando formado, a função da docência com criticidade e reflexão.

REFERENCIAS

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

DOIN, Rosângela. **Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola**. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí (RS): UNIJUÍ, 1998.